

Ruy na palavra do Ministro Clemente Mariani

"Exmo. Sr. Presidente: Para dar cumprimento à vontade da Nação, manifestada pelos seus representantes na Assembléia Nacional Constituinte e formulada em disposição expressa da nossa magna Carta, determinou V. Exa. as providências necessárias para que, em comunhão afetiva e solidária, o governo, as classes, as instituições, o povo, promovessem a glorificação solene de Ruy Barbosa, em "consagração, diz o texto constitucional, — dos seus serviços à Pátria, à Liberdade e à Justiça".

Alegoria litúrgica com que se complementa a série de atos nesse sentido, é a romaria que, neste instante, tem início, romaria em meio à qual o Brasil acompanhará, para a sagração da imortalidade, o corpo do apóstolo, na sua comovente viagem de volta à terra natal, onde permanecerá como uma lâmpada votiva acesa sobre as gerações que passam.

Não há luto, pesar fúnebre, crepe ou tristeza nesta cerimônia.

Não estamos renovando exéquias, nem o som que vem do alto é o dos sinos em dobres de finados.

Não é a morte que nos reúne. Não celebramos um trecho do passado morto.

Não nos pende a frente no desconsólo de quem perde.

Estamos, diante de Ruy, em atitude de exaltação e de identidade viva.

A sua glorificação é um ato de festa e de aleluia, um sacramento que reflete sensação de vida e de força e não ausência e distância.

Nós o sentimos, imanente e atual, na própria atmosfera do Brasil de hoje, em que se reflete a luz da sua pregação e do seu evangelho; nas instituições, nas leis, na prática do regime, os costumes políticos, onde se assinale uma conquista de aperfeiçoamento, na liberdade de cada um e no Direito de todos nos princípios que hoje preservamos, nos ideais que nos animam, na fé que nos irmana, no culto das virtudes que exaltamos, nos triunfos do progresso moral que registramos, em cada vitória individual ou coletiva sobre o erro e a mentira, o arbítrio e a violência, a inércia e o conformismo.

Nada mais o limita ou circunscreve.

Agora é a voz, que a distância não apaga, lição, que o tempo não encerra, exemplo, que já não depende das circunstâncias.

Missionário e mártir de nossa formação liberal, continua a ser, na ressonância de suas prédicas, o oráculo do regime, o profeta da reforma, o mestre do patriotismo e da moralidade pública e

privada, o conselheiro dos moços, o flagelo dos débeis e viciosos, o incentivo das gerações, o modelo dos cidadãos, o preceptor admirável que ensinou com a "doutrina e o exemplo, mais ainda com o exemplo do que com a doutrina, o culto da legalidade, as normas e o uso da resistência constitucional, o desprezo e o horror da opressão, o valor e a eficiência da justiça, o amor e o exercício da liberdade".

A glorificação consagra, apenas, o que já era imperativo de sua sobrevivência poderosa e tutelar, isto é, a forma pela qual um homem se faz contemporâneo do seu povo, em tôdas as épocas e tempos, o poder de, por obra valorosa, se libertar da própria lei da morte.

E' um cortejo de vitória e as pétalas que, sobre êle, atiram mãos do Brasil, da América e da Europa, até onde chegou a irradiação do seu espírito, são acenos de confiança e de respeito ao paladino que prossegue.

E' desta Casa que haveria, mesmo, de sair a romaria da sua glorificação.

Seria esta, estou certo, a vontade daquela que foi a senhora suprema deste lar, e que, ao lado dêle, nos páramos mais altos, nos dá a sua aprovação.

Esta Casa, onde hoje se reúnem, com a presença de V. Exa., e das altas autoridades da Nação, seus filhos, netos, amigos, os discípulos, os que o compreenderam e amaram, na sua realidade humana, na grandeza do seu exemplo, na beleza do seu evangelho, os que mais sentiram a palpitação da sua nobre alma e o poder da sua inteligência cósmica; esta Casa, que o Brasil votou eternamente ao seu culto, e onde prossegue, sem cessar, a mineração erudita dos estudiosos, nas inexauríveis profundezas de sua obra, apenas afiorada em sua superfície pela pesquisa e pela análise; aqui onde tudo permanece intacto, como se houvesse parado quando êle se foi, onde tudo o recorda e revive; até onde a calúnia, "entidade amorfa e tremenda que se não tem aras é porque as dispensa" — o perseguiu com a pertinácia de suas misérias. Esta Casa, onde está a sua biblioteca, "lenta estratificação de vinte e cinco anos de amor às letras", seus livros, fiéis companheiros de suas madrugadas; esta Casa, em cujos jardins vicejam as suas roseiras, com que dividiu os excessos de ternura do seu coração; esta Casa que tantas alegrias deu à amada espôsa, àquela em quem já em noiva, êle antevia "a mais virtuosa, a mais meiga, a melhor das espôsas", perto de quem "esquecia tôdas as atribulações de minha existência tão brava quanto magoada"; D. Maria Augusta, sombra ferna e amiga sobre a frente ardente do apóstolo, aquela que, havendo sido "a âncora

do seu caráter”, “a alma de sua alma, a flor sempre viva da bondade de Deus no seu lar”, fôra sempre também, pela “simpatia corajosa e eficaz”, “em tôdas as causas do coração, da liberdade e da honra”, “alento ou inspiração em tôdas as boas ações de sua vida”!

Aqui, onde mais vivamente se foi “acendendo a fé em seu coração, à medida que se apagava a confiança nos homens” não lhe faltou também a bênção de Deus, “sem a qual não podia conceber o homem e muito menos a possibilidade atual ou vindoura de uma nação civilizada e atéia”. Ela não poderia faltar a quem envelheceu “na persuasão do velho Plutarco, imaginando menos a custo uma fortaleza sem alicerces que um povo sem Deus”, convencido de que, “do ponto de vista da humana razão”, “Deus é a necessidade das necessidades, Deus é a chave inevitável do Universo, Deus é a incógnita dos grandes problemas insolúveis, Deus é a harmonia entre as desarmonias da criação”. Porque, “de tudo quanto tenho visto no mundo, afirmou, o resumo se abrange nestas palavras: Não há justiça onde não haja Deus”.

Foi aqui que Ruy escreveu os artigos na “Imprensa”, que preparou os “Habeas-corpus” para os florianistas, seus adversários de ontem, a ação a favor dos professores da Politécnica, que firmou a teoria da posse dos direitos pessoais, que elaborou a Réplica, os trabalhos para o Código Civil, foi daqui que partiu para Haia, de onde voltou sob o olhar admirado do mundo e as bênçãos das pequenas nações por êle defendidas, daqui saiu para a campanha civilista, levando na voz e no coração, sementes da educação democrática e de fé liberal, mais que ambições de vitória pessoal.

Aqui viveu as horas da grande guerra.

Daqui partiu para Buenos Aires, para firmar novo conceito de neutralidade; daqui de novo se pôs em caminho, para a seara de 1919. Aqui recebeu o secretário de Estado americano e o Presidente de Portugal. Aqui, portanto, deve começar o roteiro, através do qual volta à sua origem. Sairá daqui, nos braços da nação agradecida, para o centro da nossa própria história de povo livre, onde permanecerá, como uma sarça ardente, a iluminar as tábuas da nossa formação liberal.

Tudo que lhe foi negado, por circunstâncias de nossa realidade política e que, por isso mesmo, justificou sua pregação e seu sacrifício, é agora restituído, por entre o côro da remissão nacional.

Recebe, por isso, as honras de Chefe de Estado, cujas funções tantas vêzes exerceu, longe dos postos, no exercício de sua magistratura e de sua ascendência na vida nacional, e que jamais lhe foi permitido assumir.

Aguardam-no lá fora, para segui-lo até o mar, a mocidade dos ginásios e das academias, unidades das Forças Armadas, delegações profissionais e operárias, o povo enfim

Os moços, a quem êle jamais recusou a palavra amiga e o conselho sábio; os moços, dos quais disse que “entreter-se com êles sobreexcedia em gôzo a todos os momentos de vão orgulho e muita

embriaguez que a tribuna possa ter dado”; os moços, a quem ensinou, entre tantas verdades, que só há uma glória verdadeiramente digna dê-se nome: a de ser bom; e essa não conhece a soberba, nem a fadiga; “pelos quais velou a vida inteira, com extremos de pai, pregando-lhes o valor do trabalho, “como é mister para regenerar o homem, transformar os povos, criar os moços”; o sentido do “Ideal, a parte mais grave da realidade humana, tudo que alheia o homem da própria individualidade, e o eleva, o multiplica, o agiganta, por uma contemplação pura, uma resolução heróica ou uma aspiração sublime”.

Estará êle, de novo, com os moços, entre os quais “ainda arde, em tôda a sua energia, o centro de calor a que se aquece a essência da alma”. Êles se sentirão felizes e orgulhosos, acompanhando “o padrinho, o velho, o abençoado, carregado de anos e tradições, versado nas longas lições do tempo, mestre de humildade, arrependimento e desconfiança, nulo, como se proclamava, entre os grandes da inteligência, grande entre os experimentados na fraqueza humana”.

Com os moços, a quem recomendou “a oração pelos atos, que se emparelha com a oração pelo culto”, estudantes a quem recomendou o exemplo das estrêlas da manhã, dizendo-se êle próprio “estudante que pouco mais sabia que estudar”.

Com os moços em cuja juventude nutriu a sua própria fôrça de viver: “Eu amo a mocidade, na plenitude de sua pureza, como o firmamento na plenitude de seu azul”.

Com os moços, que jamais o negaram:

“Eu tive ao meu lado essa mocidade. Ela não seguia partidos, nem militava em facções; amava no universo a ciência, no homem o bem, na pátria o direito. Só se inflamava pela verdade, pela liberdade, pela humanidade”.

A guarda de honra lhe será dada por pelotões das Forças Armadas, de que foi êle patrono em tantas horas de crise nacional, o “panegirista eloquente dos seus austeros deveres e dos seus sublimes desígnios, o mais profundo e constante estudioso, dentre os civis, dos assuntos militares”.

Êle mesmo as intitulara “guardião das instituições contra a desordem e contra a tirania”, “baluarte das nossas liberdades organizadas, contra as conspirações que as ameaçassem”. “Foram em tôrno do direito popular a trincheira impenetrável do heroísmo; fôrça única de estabilidade e de reorganização que resta ao povo, na dissolução e anarquia geral que nos arrasta”.

A sua homenagem será prestada ao jovem estudante, que já em 68, por três noites consecutivas, falara em São Paulo aos batalhões que voltavam da guerra. Ao estadista que jamais havendo cessado êsse patrocínio, em 1921 era recebido no Clube Militar, a convite do Marechal Hermes.

Depois, a Marinha o recolherá para a viagem sôbre o mar, aquela mesma viagem que tan-

tas vèzes êle fêz em modestos vapores, animado ou abatido, para acudir à Bahia ou apelar para ela, viagem diferente daquela primeira em que se transportou para o Rio, a "ver se Deus lhe concedia o direito de ser profeta em algum ponto da terra".

Uniram-se à Marinha vínculos profundos e sinceros. Um dos seus filhos escolheu a carreira naval e seus "brados de atalaia" não cessaram de pugnar pelo seu fortalecimento, pela defesa dos direitos de seus altos ou humildes servidores, seja nos tribunais, seja na pregação.

E' nos braços de uma Marinha atenta aos seus conselhos, animada daquele espírito que êle procurou imprimir a tôdas as grandes instituições brasileiras, que êle chegará à Bahia.

"O mar é uma escola de resistência. Às suas margens os invertebrados e os amorfos rolam nas ondas e somem-se no lôdo, enquanto os organismos poderosos endurecem às tempestades, levantam-se erectos nas rochas e criam, ao ambiente puro das vagas imensas, a medula dos imortais".

E' da sua pena a admirável "Lição das Esquadras", em que se contêm palavras de sabedoria e de previdência:

"Uma nação que se despreocupasse das suas instituições e dos seus foros, de sua soberania e honra, pode ter, e é de crer que tivesse, bandos em armas, mas Exército, Armada, não se concebe que tivesse".

O ruído que já se percebe nas ruas, anuncia que está à sua espera, o povo, aquêle "povo soberano", cujo vulto imenso começou a assomar, em 1909, no horizonte infinito de nosso futuro, "povo de quem foi o "sincero amigo", "Honro-me", disse, "de não ser senão povo; nasci nêle"; povo, a quem sempre se dirigiu, com coragem até mesmo a das "verdades desagradáveis", "pois sinto, — afirmou, — no mais alto grau essa coragem, porque tenho ao povo, no mais elevado grau, a verdadeira dedicação".

Povo, que o compreendeu sempre, no seu verbo raro e nobre, que o amou, na sua inteireza moral e nos rigores de sua imparcialidade, que o aplaudiu nos comícios, nas praças, nas ruas, que soube entender o seu evangelho tão vivamente quanto os eruditos e as elites, povo, em cujo seio viveu, sem explorar suas emoções e impulsos e sem trair os seus interesses.

"Reclamai e vos escutarão, exigi e tereis, ordenai e sereis obedecidos, sabeí querer e tudo vos cederá".

Eis o que o povo no dia de hoje reclama e impõe ao seu govêrno e a todos nós — o direito de acompanhá-lo, na glorificação dessa romaria.

E o povo, em nome do qual as instituições existem e que reflete a própria pátria, que o reclama, a "pátria que não é um sistema, nem um monopólio, nem uma forma de govêrno. E' o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciência, o lar, o

berço, os filhos, e o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua, da liberdade".

Ao longe, ansiosa no alvoroço do encontro tão grato ao seu orgulho maternal, a Bahia, a "fada benfazeja", estende o "regaço de suas encostas arredondadas e meigas", a suavidade daquelas colinas, onde a terra se parece fundir com o céu, num sorriso de eterna primavera; a mãe Bahia, a "alma Bahia, mãe da inteligência, de generosidade e do entusiasmo", com as suas "doces plagas, onde disse êle, "a minha mãe me embalou a primeira vez e meus filhos me velarão, talvez, o último sono", e onde êle viu "pendurar-se no céu e estremecer para êle o ninho murmuroso de eterna poesia, debruçado entre as ondas e astros"; a terra natal, em que o homem se habituou a ver, por milagre do coração, "o prolongamento, a revivência, a reprodução contínua do amor de suas mães" e onde, num momento dramático, proclamaria que "se fêz o meu coração, a minha alma, a minha cultura, tudo aquilo de que se forma o espírito de um homem público e com que êle se prepara para as lutas do seu futuro".

Não é difícil prever a emoção dêsse encontro: como nos versos de Heredia, o sol, depois de iluminar o dia, completa o seu ciclo no seio da terra criadora. A Fôrça que o engrandeceu e o elevou retorna à sua origem.

Em vida, êle teve a antevisão do que será a apoteose que ali o envolverá.

"Vimos", narra numa de suas peregrinações cívicas à Bahia, "vimos, de tôda parte afluírem ao nosso encontro as populações urbanas ou campesinas, vimo-las encher as estações, orlar a beira das estradas até os sítios onde não passavam os comboios e, nas cidades ou pousadas, juntar-se a multidão em tremendas vagas humanas. Vimos correr ao nosso encontro, não só as turbas, senão também as famílias, as matronas, as moças, em verdadeiras demonstrações femininas e, com elas, a população infantil em comoventíssimas solenidades; numa palavra: não só o comum do povo, mas a sociedade tôda, as dignidades sociais, o sacerdócio, os párcos, os magistrados, os homens de letras, os intelectuais de tôdas as categorias, a mocidade das escolas, os operários, numa unanimidade inaudita. E tudo isto em lugares onde, até hoje, só as precissões e os fogos de artifício eram capazes de reunir multidões.

"Vimos alterarem-se todos os hábitos consagrados, fechar o comércio, fecharem-se os estabelecimentos industriais, enquanto as igrejas abriam, e algumas, como expressão ainda mais visível das suas bênçãos, abeiravam das portas, ao passarmos, as imagens de seus padroeiros".

E tal como naquela hora, êle não se enganara: de novo se repetirá a cena que êle pôde assistir em vida: "Onde quer que se anuncia nossa presença, uma corrente elétrica levanta as populações, coalham-se as ruas de multidões, nunca, absolutamente nunca, até então vistas e, nas paragens mais diversas, nas regiões mais alongadas umas das outras, nos centros de evolução social

entre si mais opostos, a Bahia inteira, da Capital ao Recôncavo, do Recôncavo aos sertões é uma só gente, um só povo, uma só aglomeração humana, o mesmo instrumento arrebataado pela mesma vibração, como se o sôpro de um vento do céu varrendo tôdas essas extensões, estremeceesse numa emoção única do Estado inteiro”.

O Brasil escolheu a Bahia para escrínio de sua jóia mais rara.

No veludo do seu carinho, ela permanecerá o mais puro e belo testemunho do quanto pode o amor de um ser humano pelas grandes causas

da humanidade e como a vida de um dêles pode constituir a maior fôrça de exemplo, de inspiração e de fé para um povo.

Ruy cumpriu a sentença de Goethe: “Devemos sòmente exprimir pensamentos superiores, que tragam bem ao mundo”.

Êle teve êsse dom supremo, e é através das estradas abertas pela claridade do seu generoso coração e sua virtuosa inteligência, que o Brasil procura o seu destino.

Sigamo-lo, pois.”

...As tradições da profissão, cujo ministério exerce, o ministério da advocacia, sócia inseparável das reivindicações liberais, que, desde a Grécia e Roma, até a França, a Inglaterra, os Estados Unidos, governou sempre os povos emancipados, levantou sempre os povos oprimidos, ensinaram-me a não indagar a opinião, ou o nome daqueles, sôbre quem pesa uma tirania, em quem a lei recebe um dêesses golpes, que, portransindo o ofendido, levam a ponta da ameaça ao coração do direito.

Berryer, o mais fiel atleta do legitimismo, seu conselheiro, sua glória, defende contra as vinganças da monarquia legítima os generais perseguidos do Império, aureola para o suplício e para a posteridade o infortúnio de Ney, incorre perante o Conselho da ordem dos advogados, numa acusação do ministério público pela galhardia da palavra, com que arança à magistratura da restauração boubônica, a absolvição de Cambronne, assume, depois de Boulogne, o patrocínio de Luís Napoleão, e, quando êste ocupa o trono, advogado, na véspera, do pretendente, vai, no dia seguinte, advogar contra o confisco imperial o direito dos Orleans, cujo inquebrantável adversário era, declarando reputar a sua intervenção nesse litígio a mais bela coroa de tôda a sua vida...

Ruy Barbosa

Consciência irredutível — Ainda quando os nossos monarquistas me assacassem a mim maiores horrores que Mafoma ao toucinho, não me têm sido mais benignos os nossos republicanos. Com uma diferença agravante. Aos monarquistas, sobrava por onde se ressentissem do homem que, monarquista até pouco antes, se abalançara contra a Monarquia até à revolução e à República, ao passo que os republicanos me têm agradecido com trinta e um anos de malevolência pertinaz os meus trinta e um anos de leais serviços. Tudo isso, entretanto, não vale, sequer, o desprêzo que inspira. Nem eu esperarei jamais de algum serviço meu à pátria, à idéia ou à justiça, recompensa nenhuma. Quando no meu fôro íntimo escuto a voz do bem, estou satisfeito e pago. Uma criatura pode ser o grão de areia, que eu sou, e ter, entretanto, na sua quantidade mínima de substância cerebral, uma consciência irredutível. Essa fôrça, eu a sinto em mim; e por isso digo o que penso, custe o que custar, embora se juntem contra as minhas convicções, todos os poderes e partidos, tôdas as intolerâncias e fanatismos. Não sou, portanto, homem, que, convencido, recue de uma opinião, ou de um ato.

Ruy Barbosa

A Espada — A inteligência, o direito, a religião são os três poderes legítimos do mundo. Eles representam, cada um de per si, o eu humano, a sociedade humana, destino humano, e, associados, as três expressões da humanidade: a sua evolução mental, a sua existência na superfície da terra, o misterioso fim de seu desenvolvimento. Diante dêles, a fôrça, nas eras não bárbaras, se reduz a uma entidade subalterna, cuja intervenção não valerá nunca senão pelos serviços de que a sua obediência fôr capaz. Para a constituir numa organização geral, a civilização adotou, como símbolo, a espada, coeva das primeiras idades históricas, outrora senhora dos povos escravizados, mas hoje, nas mãos dos povos livres, criatura das suas leis, dependência da sua administração, instrumento dos seus governos. — Fora daí, a espada não é a ordem, mas a opressão; não é a tranquilidade, mas o terror; não é a disciplina, mas a anarquia; não é a moralidade, mas a corrupção; não é a economia, mas a bancarrota; não é a ciência, mas a incapacidade; não é a defesa nacional, mas a ruína militar, a invasão e o desmembramento. Isto é e não poderia deixar de ser: porquanto, com o domínio da espada, se estabelece necessariamente o govêrno da irresponsabilidade, o jubileu dos estados de sítio, a extinção da ordem jurídica, a subalternização da justiça à fôrça.

Ruy Barbosa